



Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

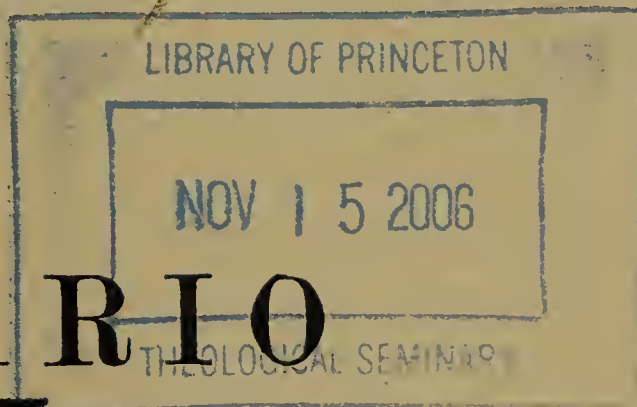
Revista Internacional do Espiritismo

LAP

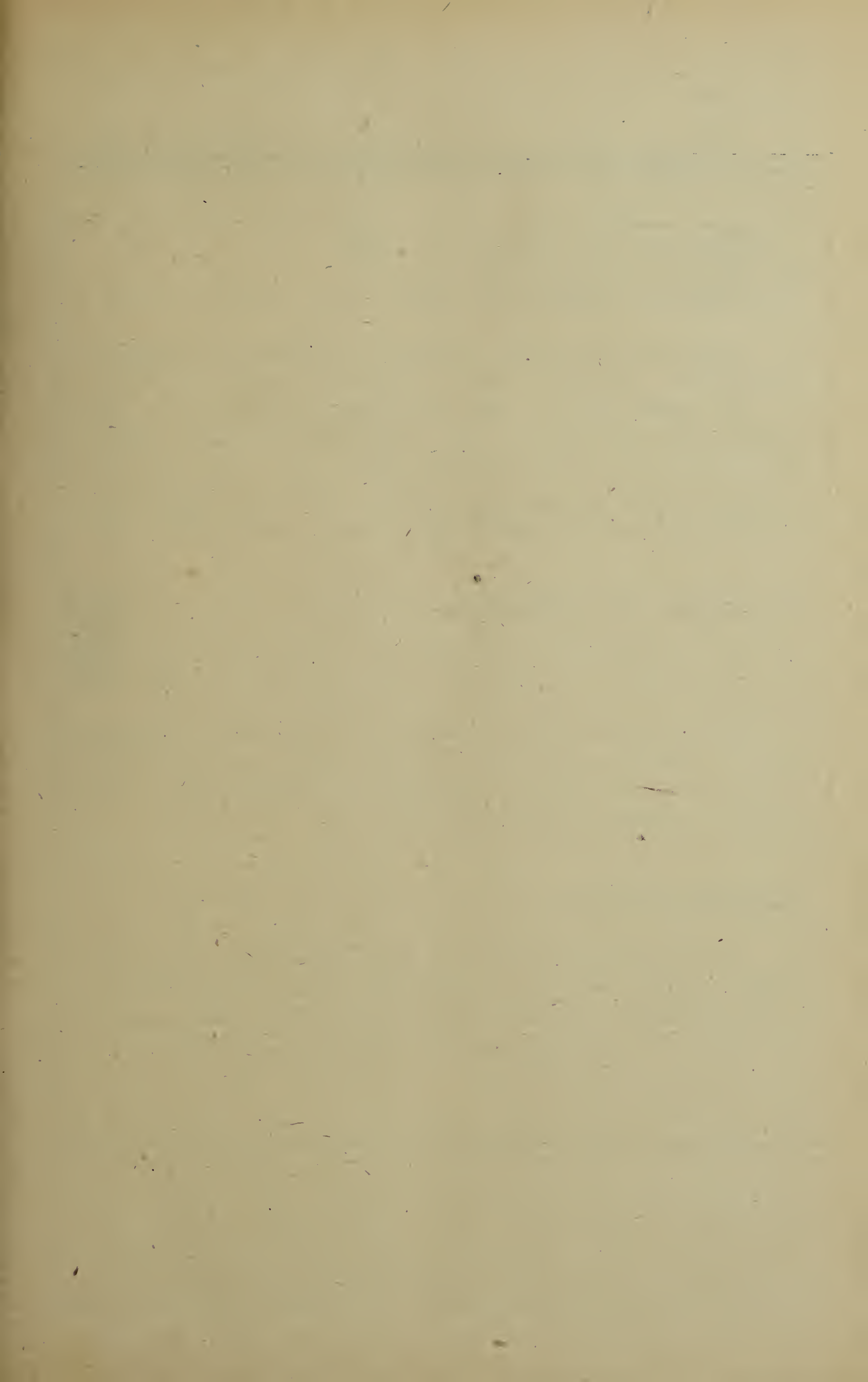
REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO



«A Morte é a porta da Vida» . . .	Redação
A Vidente de Prevorst	Dr. Francisco Klörs Werneck
Das Sessões Medianímicas	Tito Bancésco
Curso de Espiritismo	J. B. Chagas
Mais Academias	Leopoldo Machado
O Ano Santo e o Dia de Graças	Pereira Guedes
Fenômenos de Materialização	Amadeu Santos
Em Consciência	M. Quintão
Livros e Autores	Leopoldo Machado
Crônica Estrangeira	Redação
Espiritismo no Brasil	Redação



OBRAS de CAIRBAR SCHUTEL

Parábolas e Ensinos de Jesus

Obra assaz difundida, indispensável a todos os cultores do cristianismo. Exposição clara e lógica dos textos evangélicos.

De grande formato, com 450 páginas, referida obra está dividida em duas partes : 1.^a — Parábolas de Jesus, explicação racional das 35 parábolas evangélicas ; 2.^a — Exposição dos Ensinos de Jesus e dissertação filosófica sôbre os princípios religiosos expostos pelo Grande Missionário.

O Espírito do Cristianismo

Esse trabalho é o complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus.»

Obra muito útil para elucidação do Evangelho. De mais de 400 páginas, contém uma parte que trata de Premonições, Avisos Proféticos, Sonhos Premonitórios. Explica como se efetuaram as «curas operadas por Jesus.»

Gênese da Alma

O autor desta obra teve em mira demonstrar com bases sólidas, factos verificados e verificáveis, argumentos irrefutáveis, a Imortalidade da Alma a começar do ponto em que o *princípio anímico* se nos apresenta em seu período embrionário.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ≡ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

“A Morte é a porta da Vida”



OM o advento do Espiritismo, novos horizontes se descortinaram à humanidade. A morte deixou de ser uma megera ceifando vidas a seu bel prazer para se transformar num anjo libertador a conduzir almas para o mundo dos espíritos. As criaturas que o estudam ficam plenamente convencidas da sobrevivência individual e procuram traçar novos rumos ao seu modo de viver, certas de uma vida de recompensas no mundo vindouro de acôrdo com a lei de Deus, que dá a cada um segundo as suas obras.

O Espiritismo, veio, portanto, desfazer o pavor que as criaturas atrasadas nas cousas que dizem respeito ao espírito, têm pela morte, transformando o desespero e as copiosas lágrimas derramadas com a partida de um ente ou amigo querido para o Além em odorosas e belas rosas, assim como Jesus transformou a água em vinho nas Bodas em Caná da Galiléia. E não podia ser de outra maneira, porque se esta inegalável doutrina seguisse o mesmo rumo das religiões chamadas oficiais, que deram à morte um aspecto fúnebre, infundindo nas criaturas não a esperança que vivifica, mas a descrença que aniquila os justos anseios das almas, a sua vinda seria inoportuna e ainda não seria, conforme afirmam os Espíritos, o Paracleto da Promessa de Jesus.

Provando a sobrevivência individual após o transe a que denominamos morte, com a reprodução em escala cada vez maior de fatos e fenômenos espíritas, o Espiritismo assentou nas almas as bases da verdadeira fé—a fé raciocinada, que transpõe montanhas e transplanta sicômoros, conforme afirmou Jesus. Dizemos fé raciocinada porque a fé, sem o exercício do raciocínio, torna-se cega, cultivando o fanatismo e a superstição, que levam as criaturas à descrença e ao materialismo, constituindo o motivo do descalabro social e moral da humanidade.

Com os testemunhos da sobrevivência individual ou imortalidade da alma, as criaturas que têm a suprema ventura de estudar o Espiritismo, compreender e sentir os seus ensinamentos, podem dizer com o Apóstolo Paulo: «Tragada foi a morte na vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? onde está, ó morte, o teu aguilhão?»

Os adeptos das religiões tidas como oficiais, lamentam em alta voz, com choro e imprecações, o desincarne de uma pessoa querida, como se Deus fosse um pai desalmado, demonstrando, portanto, falta de fé, daquela fé raciocinada que leva os profíctos espíritas a encarar a morte apenas como uma mudança de um país para o outro e a suportarem, com resignação e paciência, os seus sofrimentos ou provações, afim de, libertos de suas imperfeições morais, al-

cançarem o reino de Deus e a sua justiça.

Inúmeros são os factos comprobativos da imortalidade da alma catalogados e comentados por filósofos e cientistas de renome que enriquecem os anais espíritas, factos que devem ser lidos e meditados, porque constituem o caminho seguro que conduz as criaturas ao conhecimento da Verdade.

A seguir, passamos a reproduzir o seguinte facto que o eminente prof. Ernesto Bozzano tirou do volume de Morgan: «From Matter to Spirit». A personalidade mediúnica do Dr. Horace Abraham descreve, nestes termos, a maneira por que seu Espírito se separou do organismo somático:

«Como sucede a um bem grande número de humanos, meu espírito não chegou muito facilmente a se libertar do corpo. Eu sentia que me desprendia gradualmente dos laços orgânicos, mas me encontrava em condições pouco lúcidas de existência, afigurando-se-me que sonhava. Sentia a minha personalidade como que dividida em muitas partes, que, todavia, permaneciam ligadas por um laço indissolúvel. Quando o organismo corpóreo deixou de funcionar, ponde o espírito despojar-se d'ele inteiramente. Pareceu-me então que as partes destacadas da minha personalidade se reuniam numa só. Sentí-me, ao mesmo tempo, levantado acima do meu cadáver, à pequena distância d'ele, donde eu divisava distintamente as pessoas que me cercavam o corpo. Não saberia dizer por que poder cheguei a me desprender e a me elevar no ar. Depois d'esse acontecimento, suponho ter passado um período bastante longo em estado de inconsciência, ou de sono (o que, aliás, acontece frequentemente, si bem isso não se dê em todos os casos); deduzo-o do facto que, quando tornei a vêr o meu cadáver, estava êle em estado de adiantada decomposição.

Logo que voltei a mim, todos os acontecimentos de minha vida me desfilarão sob as vistas, como num panorãma; eram visões vivas, muito reais, em dimensões naturais, como o meu passado se houvera tornado presente. Foi todo o meu passado o que reví, compreendido o último episódio: o da minha desincarnação. A visão passou diante de mim com tal rapidez, que quasi não ti-

ve tempo de refletir, achando-me como que arrebatado por um turbilhão de emoções. A visão, em seguida, desapareceu com a mesma instantaneidade com que se mostrara; às meditações sôbre o passado e o futuro, succedeu em mim vivo interêsse pelas condições atuais.

Eu ouvira dizer aos espíritas que os Espíritos desincarnados eram acolhidos no mundo espiritual pelos seus parentes, ou por seus Espíritos-guardiões: Não vendo ninguém diante de mim, concluí que os espíritas se haviam enganado. Mas, apenas êste pensamento me atravessou o espírito, ví dois Espíritos que me eram desconhecidos e para os quais me senti atraído por um sentimento de afinidade. Soube que tinham sido homens muito instruídos e inteligentes, mas que, como eu, não haviam cogitado de desenvolver em si os princípios elevados da espiritualidade. Chamaram-me pelo meu nome, embora não o houvesse eu pronunciado, e me acolheram com uma familiaridade tão benévola, que me senti agradavelmente reconfortado. Com eles deixei o meio onde desincarnara e onde me conservara até áquêle momento. Pareceu-me nebulosa a paisagem que atravesssei; mas dentro dessa meia obscuridade, fui conduzido a um lugar onde vi reunidos numerosos Espíritos, entre os quais muitos havia que eu conhecera em vida e que tinham morrido havia já algum tempo...»

Comentário do Prof. Ernesto Bozzano:

«Notarei que no último parágrafo do episódio precedente se encontra um outro dos detalhes secundários habituais, que se diferenciam mais ou menos nas descrições de tantos Espíritos que se comunicam. Êsse detalhe achará sua razão de ser nas condições espirituais, bem pouco evolvidas, do defunto autor da mensagem. Geralmente, nas de revelações transcendentais, se lê que os Espíritos dos mortos entram num meio mais ou menos radioso, onde são acolhidos pelos Espíritos de seus parentes. Aquí se vê, ao contrário, que o Espírito comunicante se encontrou em um meio nublado, onde foi acolhido amistosamente por dois Espíritos que lhe eram desconhecidos, mas que guardavam afinidade com êle, do ponto de vista das condições espirituais.

É fácil de arguir que êste aparen-

te desacôrdo entre as primeiras impressões dêsse Espírito desincarnado e outras muito mais frequentes dependa da circunstância de que, como êle próprio o diz, se descuidára em vida de desenvolver em si o elemento espiritual e que os Espíritos que lhe foram ao encontro se achavam nas mesmas condições. Daí resultou que, pela lei de afinidade, um meio de luz não se adaptava às condições transitórias, mas obscurecidas, de seus Espíritos.

De outro ponto de vista, notarei que, também, no episódio em apreço, o Espírito que se comunica afirma ter sofrido a prova da «visão panorâmica» de seu passado, prova que, nêste caso, em vez de se desenrolar espontaneamente, em consequência de uma superexcitação *sui generis* das faculdades mnemônicas (superexcitação produzida pela crise da agonia, ao que dizem os psicologistas), pareceria antes provocada pelos «guias» espirituais, com o fim de predispor o Espírito recém-chegado a uma espécie de «exame de consciência». Esta interpretação do fenômeno ressaltará muito mais claramente de alguns dos casos que se vão seguir.

Notarei, finalmente, que êste caso, ocorrido em 1857, já contém a narração

de um incidente interessante de «bilocação» no leito de morte, seguido do fenômeno consistente na situação que durante algum tempo o Espírito desincarnado conservou, pairando por cima do cadáver. Ora, quem não vê que o facto das afirmações de videntes, concordantes de modo admirável que o que narram os próprios Espíritos desincarnados, tem inegável importância, uma vez que se confirmam mutuamente? E também, com relação a esta ordem de incidentes, é muito comum que o médium escrevente, ou o sensitivo vidente, estejam na mais completa ignorância acerca da existência de tais fenômenos e da maneira por que se produzem no leito de morte. É como o caso com que acabamos de occupar-nos remonta a 1857, isto é, aos começos do movimento espírita, tudo contribue para que se suponha que nesta circunstância o médium e os assistentes ignoravam tudo do que concerne aos fenômenos de bilocação em geral e, sobretudo, à maneira por que se dão com os moribundos».

Como vemos, êsse facto constitúe prova frisante de que a «Morte é a porta da Vida», conforme afirmou um dos mais notáveis filósofos espíritas.

A Vidente de Prevorst

PRIMEIRA PARTE

A Vida e as Faculdades da Vidente

Pelo Dr. Justino Kerner

Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck

CAPÍTULO XXII

A sétima estrela solar

A 1.º de maio de 1828, a Sra. Hauffe disse que alguma coisa de notável lhe ia acontecer; não sabia o que era mas esperava que fosse para melhor. Após o aviso da morte de seu pai, recebido no dia 2 de maio, e que ela vira com antecedência, como já dissemos, cessaram as convulsões. Apesar disso seu estado magnético aumentou e ela caiu em sonambulismo várias vezes por dia. Contou que agora não podia mais ir e vir na sua esfera solar, como outróra, que a direção no seu círculo de

vida, que não tinha atingido o centro até dezembro, de repente inclinara para a frente, que, não tendo mais fôrça para levar para trás novamente, muito tempo poderia ser perdido e ela temia que isso ocasionasse sua morte. Todo o dia 7 foi alternativamente ocupado por sonhos e ataques de catalepsia.

Em certo caso seu espírito protetor lhe apareceu, mostrando-lhe, com um gesto, um caixão meio aberto, o que ela interpretou como aviso de um grande perigo que lhe ameaçasse a vida. No dia 8, às 7 horas da noite, seguindo as instruções dadas por ela mesma em seu estado sonambúlico, como se achasse

num estado de catalepsia semelhante à morte, eu lhe falei, dirigindo-me à cavidade epigástrica: «Não se esqueça do ano passado na tarde de hoje». Fôra disso, disse-me ela que ia perder toda recordação dos anos decorridos desde a sua última doença, coisa que não queria suportar na memória. A' minha voz, proferindo um grito de terror, ela saiu desse estado semelhante à morte, assumiu uma atitude de desespero e recaiu logo em seu estado anterior de insensibilidade. Despertou a seguir, sem parecer capaz de compreender seu estado ou de reconhecer tudo o que a cercava. Dizia que sua sétima esfera solar inteira havia desaparecido. Não podia dizer se ia entrar numa nova, não via nada além do dia corrente e devia ficar assim como estava, afim de evitar toda recordação. Seu próximo fim parecia dever ser a primeira coisa que anunciaria.

No dia 15, recuperou parte da lembrança desse período que parecia esvair do seu espírito. Ao mesmo tempo perdeu a lembrança de sua esfera e ainda da ocasião em que a tinha visto e que parecia inteiramente afastada e apagada, ao passo que a época precedente se revelava então como a mais recente.

A recordação dessa última foi primeiramente vaga, mas pouco a pouco se aclarou até que enfim pôde se recordar de todos os detalhes com a maior nitidez. Já se deram muitos fenômenos análogos entre os povos antigos.

A 27 de janeiro de 1829, estando a Sra. Hauffe em sonambulismo, disse que sentia que sua sétima esfera solar desaparecera e que, se não tinha sido levada com ela, foi porque, com essa última crise, recuperara toda a sua saúde.

Os meses de esfera solar, nos quais estivera então, só durariam até 2 de maio, em lugar de continuar até 27 de dezembro, como deveriam ser. Por tal perda seria privada desses meses e acreditava que estava para morrer, porque esses quatro meses eram tudo o que lhe restava.

A 2 de maio teve um sonho magnético durante o qual falou como sempre e disse mais ou menos isto: «Estou

sobre uma montanha. Oh, eu devia ir para a minha direita, acima dessas nuvens douradas, em que vejo esse vale cheio de flores! A' minha esquerda, só vejo sepulturas e podridões; detrás de mim, percebo a espécie humana a lutar e combater, como leões e tigres. A' minha direita, as flores parecem-me sorrir, mas eu caminho em direção da morte e do tûmulo. E' preciso que eu caia sob tal aflição? Conduzi-me aonde quizerdes. Oh, que sonho horrível! Oh, guiai-me! E' preciso que eu caia neste abismo? Vós sois forte e poderoso. Compreendivos bem? E' preciso que eu fique em cima desta montanha? Sim, devo aqui ficar até que a hora seja chegada, mas vós sóis dia e noite comigo. Se me abandonardes, eu caio. Oh, permiti-me sair deste sonho horrível! etc.»

Ela entrou então numa nova esfera e numa nova vida magnética, na qual demonstrou suas faculdades interiores de vidente como mais poderosas do que nunca, ao passo que não falava antes do que via. Ela dizia que seu corpo estava morto, embora ainda estivesse vivo, mas que sua alma estava mais livre e mais calma do que nunca. «Que não se ocupem mais de meu corpo, que deixem de ter cuidado com êle; é uma vestimenta rôta, que não tem mais nenhum valor. Em vossa mão, Senhor, confio o meu espírito.» Era o pressentimento de sua morte próxima e, depois daquele momento, ficou mergulhada na indiferença que aconselhava.

Ainda que extremamente magnética e num estado de grande debilidade, seus sofrimentos foram certamente aliviados durante sua permanência em Weinsberg. Tinha mais lucidez e calma interior. Fora encorajada e consolada pelos seus conhecidos e sua comunhão de idéias com homens distintos, mas não estava no poder dos seus amigos protegê-la contra as condições desfavoráveis que, precisamente nessa época, tiveram tão funesta ação sobre sua saúde. Queremos falar especialmente da morte de seu pai e da enfermidade do filho dela.

No dia 2 de maio de 1829 voltou a Lowenstein para ali cumprir o seu destino.

Das Sessões Medianímicas

Por TITO BANCÉSCO — (Argentina)

Estamos observando que as sessões medianímicas ainda não foram organizadas de forma metódica. Existem, naturalmente, exceções, mas como elas não fazem a regra, necessário se torna que se pense seriamente neste problema que tanta importância reveste para o prestígio do Espiritismo.

Entendemos que toda sessão experimental requer um preparo prévio de todos os que intervêm na mesma. Referimo-nos especialmente ao preparo moral que é a que exerce uma influência decisiva no desenvolvimento dos fenômenos, especialmente nos de carácter subjetivo. Se dizemos que é indispensável um preparo prévio, queremos significar que se deve formar um estado de alma, uma situação vibratória mais propriamente dita, que guarda relação com a pureza de nossos sentimentos, de nossos pensamentos e nossas ações diárias.

Como as ações, pensamentos e sentimentos produzem seus reflexos e repercutem sobre nosso perispírito ou subconsciente, em vão nos esforçaremos para concorrer á reunião experimental com o preparo desse mesmo dia; em um dia não nos será possível limpar o nosso perispírito de impurezas vibratórias, visto que, para obter a verdadeira finalidade indispensável, necessário é que esse preparo seja permanente. Como se consegue isto? Exercendo sobre nossa conduta um controle tal capaz de evitar que os maus pensamentos e ações repercutam sobre nosso mundo interior. Isto se consegue facilmente educando a vontade e procurando que o nosso estado de alma não seja alterado ante as impressões adversas (ingratas).

Tudo isto exige de nós espíritas um exercício constante. É, sem dúvida, uma tarefa árdua que exige pôr em jogo todos os recursos da vontade. Com o tempo se consegue o que se procura. Deste modo chega o dia em que a serenidade dominará de tal modo que nos sentiremos felizes conosco mesmos e o mundo que nos cerca. Indubitavelmente, neste processo necessário, é preciso ser um pou-

co psicólogo ao observar a vida multiforme e compreendê-la individual e coletivamente com êsse critério sensato e nobre que deve caracterizar todo bom espírita. Nossos semelhantes são o que lhes permite ser sua respectiva evolução moral.

Essa mesma evolução moral determina os fenômenos medianímicos. Se pessoas boas forem os concorrentes, comunicam-se espíritos da mesma categoria, naturalmente quando se trata de trabalhos sérios, científicos ou filosóficos. Porque nessa espécie de reuniões também se apresentam espíritos em estado de perturbação e também alguns maus, atraídos para que se convençam que devem mudar de conduta.

A experiência demonstra inequivocamente que, quando ha sintonização moral entre os assistentes, apresentam-se entidades extraterrestres de notável elevação, a expor pensamentos admiráveis. Os intermediários, ou médiuns, sentem-se bem, animados de nobres sentimentos, o que certamente é devido aos eflúvios de elevada vibração que os cercam. O mesmo não ocorre quando eles se encontram entre elementos de baixa moral, porque nesse ambiente se produzem fenômenos prejudiciais; aparecem espíritos perversos com o propósito de perturbar e interromper a sessão, procurando provocar danos físicos aos médiuns, visto que os iguais se atraem através dos maus fluidos que se infiltram no perispírito. É por isto que os instrumentos intermediários ressentem, com justa razão, esses climas sufocantes que constituem o reflexo incontestável do que são os assistentes em seu mundo interior.

Impoem-se neste último caso a auto defesa dos médiuns, a que consiste em não servirem lá onde a atmosfera é adversa e perniciosa. Eles têm o dever de manifestar o motivo da resistência, porque assim existe a possibilidade de se corrigirem progressivamente os que desejam comunicar-se com o mundo invisível, visto deles dependerem os bons resultados medianímicos. Isto dizemos porque os médiuns como instrumentos vivos devem atuar em meio de um conjunto de pes-

soas que, por sua vez constituem, cada qual, uma engrenagem também viva desse conjunto; bastando que falte uma só delas para que o élo fluídico se quebre, o que pode influir qualquer entidade espiritual de más intenções, dispostas a desbaratar os melhores propósitos.

Em certa ocasião, para citar um exemplo, um bom médium não podia tomar posse da palavra, apesar do esforço que fazia. Ao seu cérebro acudiam frascos de vidro, interrompendo-lhe a concentração. Depois de vários ensaios — sendo ao mesmo tempo vidente — pôde observar que esses frascos provinham de um assistente, ao qual perguntou porque pensava em frascos e não em Deus. A resposta foi que a sua farmacia não ia bem e temia a falência. Noutra ocasião, uma senhora assistente — devota da mãe do Mestre Jesus de Nazaré, que se encontrava ao lado do médium — concentrou seu pensamento nela, mas com tal devoção, que imediatamente se produziu uma possessão no médium que começou a entoar um cântico religioso, com voz feminina. Este fenômeno tornou-se sumamente interessante para o vidente que observou desprender-se, do corpo da mencionada senhora, uma espécie de cordão fluídico que se uniu ao médium. Enquanto ela se encontrava numa espécie de êxtase, registrou-se a suposta comunicação extraterrestre, quando realmente o fenômeno foi puramente anímico.

Dos casos precedentes, deduz-se nitidamente que o poder do pensamento é grande e exerce uma influência decisiva nas sessões experimentais. Sendo os médiuns uma espécie de antenas sutilíssimas, captam os pensamentos e os transmitem, quer sejam eles terrestres ou de habitantes do outro mundo. Disto ressalta a necessidade imperiosa de organizar as sessões espíritas e controlá-las severamente para não nos enganar-nos. Consequente-

mente, os assistentes devem ser colaboradores positivos e não negativos. Entendemos por negativos, quando não prestam sua colaboração mental uniforme, fazendo evocações individuais ou ainda se distraem pensando em qualquer coisa.

Geralmente se pensa que ir às reuniões mediúnicas é o mesmo que ir à missa e que basta pronunciar uma oração para obter o objetivo desejado. Indubitavelmente, a oração constitui um fator positivo, visto que permite vibrar em consonância com a elevação do pensamento. Mas não devemos olvidar que a higiene do perispírito de cada um de nós, ao concorrer à reunião, exerce tal influência, que em vão acreditamos ser uns «anjinhos», quando maus pensamentos e piores ações acumuladas e gravadas em nosso subconsciente denunciam tacitamente nossa verdadeira personalidade moral.

Nossa limpeza interior reveste importância transcendental nos trabalhos mediúnicos, visto que, neles, a lei de afinidade tem consequências fatais. Necessário é lutarmos intermitentemente contra nossas imperfeições e concorrer às sessões experimentais com mais sentido de responsabilidade, sem olvidar que cada um de nós é uma móla do conjunto. Nunca devemos censurar quando, através dos médiuns, se manifestam espíritos medíocres, incapazes de nos indicar novas trajetórias. Eles são atraídos por um clima moral semelhante ao que nós formamos. E se esse laboratório invisível funciona mal ou deficientemente, a culpa é de todos, inclusive médiuns, que não cultivam sua elevação moral, convencidos — salvo exceção — de serem entes dotados de poder extraordinário, quando a realidade é que não passam de simples instrumentos da Divindade ou canais por intermédio dos quais ela estabelece a solidariedade entre o mundo visível e invisível.

Jesus não impôs uma religião. O seu único objetivo foi ensinar aos homens a lei de Deus, que se funda no amôr do próximo, com a proclamação da Imortalidade da Alma, para que eles construíssem a sua fé em firmes alicerces, de maneira a poderem alçar altos vôos a mundos superiores. A missão do Espiritismo é a mesma de Jesus, daí a razão por que a difusão e o estudo desta doutrina equivale a entregar às criaturas que a professam as chaves do reino de Deus.

Curso de Espiritismo

J. B. CHAGAS

A instalação de um curso de Espiritismo é a feliz iniciativa tomada pelo Conselho Consultivo de Mocidades Espíritas do Brasil (CCMEB), após a brilhante vitória alcançada com a realização da Festa Nacional do Livro Espírita, cujo sucesso ultrapassou as nossas fronteiras se projetando na Colombia, onde em Outubro deste ano, no dia 9, em homenagem ao Codificador e comemorando o aniversário do Auto de Fé de Barcelona, será também organizada a Festa do Livro Espírita.

Como todos sabem, a idéia não é nova, porque o próprio Codificador, em OBRAS PÓSTUMAS, ao traçar as normas reguladoras e orientadoras do Movimento Espírita em todo o mundo, como a alavanca que teria de transformar a humanidade, sentiu que «um dos maiores obstáculos á propagação da Doutrina era a falta de unidade, e que o único meio de evitá-lo, senão presentemente, ao menos, no futuro, é formulá-la em todas suas partes, até nos mínimos detalhes, com tanta precisão e clareza, que seja impossível qualquer interpretação divergente.» Dizendo mais claramente: «que o único meio de evitá los para o futuro é assentar o Espiritismo em sólidas bases de uma doutrina positiva, nada deixando á interpretação.»

«Dois elementos—prosegue Kardec—devem concorrer para o progresso do Espiritismo: o estabelecimento teórico da doutrina, e os meios de popularizá-la. Estabelecer-se-ia um curso regular de espiritismo, no intuito de desenvolver o gôsto pelos estudos sérios. Este curso teria a vantagem de fundar a unidade de principios, de fazer adeptos esclarecidos, capazes de propagarem as idéias espíritas e de desenvolver grande número de médiuns. Considero êste curso como elemento de influência capital para o futuro do espiritismo e suas consequências» (págs. 331/2/3/4).

Certo é que as sensatas observações do Codificador não foram levadas a sério como seria de desejar, pela maioria dos espíritas principalmente por aqueles que tomaram a si mesmos a direção e a ori-

entação do Espiritismo, especialmente no Brasil. Deixaram o tempo passar e a doutrina se espraia, por aí em fóra, sem uma diretriz segura, capaz de bem cumprir a alta tarefa que lhes estava afeta, e os espíritas unicamente apoiados nas obras básicas, ou mais comumente conhecidas por Codificação kardeciana, desordenados, cada um estudando e interpretando, ao seu bel-prazer.

Estas obras, como é do conhecimento geral, são realmente um verdadeiro portento de sabedoria, na sua especialidade, todavia, o destino, a transcendência, que o próprio Codificador supervisionára para a Doutrina, e cujas obras êle, por mais de uma vez, disséra não se acharem completas, visto que «as necessidades mudam com os tempos e com a evolução das idéias. Uma constituição, por melhor que seja, nunca poderá ser perpétua. E' preciso que ela marche a par das idéas evolutivas. Se não é revista convenientemente, cai em desuso, ou será violentamente destruída pelas idéias progressivas. Em menos de um quarto de século não se desenhara de modo apreciável um movimento nas idéias; será, portanto, de 25 em 25 anos que a constituição orgânica do espiritismo passará pela *revisão*. Este período, conquanto não seja longo, é suficiente para se apreciarem as novas necessidades e não causar perturbações frequentes. A revisão dos estatutos constitutivos far-se-á pelos CONGRESSOS ordinários, transformados, para êsse fim, em congressos orgânicos, em épocas determinadas; e assim constantemente, de maneira que se mantenham sem interrupção, ao nível das necessidades e do progresso das idéias, por séculos de séculos». (Págs. 358 e 359).

Considerando que só agora, passados mais de três quartos de século, um grupo de homens independentes, tomou a si a iniciativa de dar aos trabalhos espíritas, mais vida, mais movimentação, sem contudo, alterar-lhes, a sua essência ou seja a pureza do Evangelho, e que essa iniciativa tem se mostrado vitoriosa, através das reuniões de confraternizações, congressos e semanas espíritas, etc. E a-

gora com o mesmo e santo objetivo, surge um *Curso de Espiritismo*, orientado por espíritas conscientes, procurando alcançar as altas finalidades sonhadas pelo Codificador, muito especialmente no que diz respeito ao Espiritismo teórico.

O curso está dividido em ciclo completo de aulas, com a duração de uma hora, por semana, versando todo êle sobre a Evolução do Espiritismo. Foi fundado para consolidar a cultura doutrinária dos moços espíritas da nova geração. Cada ciclo compreenderá lições versando sobre a gênese das Doutrinas religiosas, suas causas primitivas, objeto do seu culto, crenças primitivas, aspectos gerais do Espiritismo brasileiro, etc.

As aulas deste Curso, estão funcionando aos sábados, das 17 às 18 horas, na séde da Sociedade de Medicina e Espiritismo, á avenida Rio Branco, 4—15.º andar, e estão a cargo dos nossos irmãos Profs. Leopoldo Machado, Newton G. de Barros, Carlos Imbassahy e Jornalista Deolindo Amorim. Já conta o mesmo com 36 matrículas, reinando grande animação entre os jovens alunos.

A respeito das coisas divinas, diz-nos Léon Dénis que — «O Culto religioso é uma legítima homenagem prestada ao Onipotente; é a elevação da alma para o seu Creador, a relação natural e essencial do homem com Deus. As práticas dêsse culto são de utilidade; as aspirações que despertam, a poesia consoladora que daí deriva, são um sustentáculo para o homem, uma proteção contra as suas próprias paixões». (CRISTIANISMO E ESPIRITISMO — pag. 121/2).

«O Espiritismo, já o dissemos, não dogmatiza; não é uma seita nem uma ortodoxia. É uma filosofia viva, patente a todos os espíritos livres e que progride por evolução» (PROB. DO SÊR DO DEST. E DA DÔR — pags. 60/1).

«Na penetração das leis superiores se realiza a união da Ciência, da Arte e da Religião pela visão de Deus na sua obra». (Idem, idem pag. 30).

* * *

Pena é que tal iniciativa não possa ser prontamente adotada noutros setores espiritistas, onde também há grande número de jovens entusiastas, com séde de conhecimentos.

Bem sabemos o que isto representa em benefício do Espiritismo, uma vez que

êle não se compadece com a incultura, embora não houvesse entre os discípulos de Jesus nenhum letrado, sendo por seu intermédio que até nós chegaram as sublimes lições e ensinamentos de Jesus.

O Espiritismo teórico é, realmente, alguma cousa que merece a nossa atenção e o nosso concurso, porém, não é tudo o de que se carece. E, não resta a menor dúvida, repitamos, um contingente apreciável para que se possa contar em futuro próximo com um corpo selecionado de pregadores conscientes (não convencidos).

E a julgar pelo entusiasmo que alí observámos entre os jovens estudantes, e se cada ano êsse curso nos der turmas regulares, é para prejulgar, uma situação mais sólida para a Doutrina, como se um raio de luz fortíssima penetrasse na escuridão (para não dizer confusão), em que nos achamos envolvidos.

A consolidação de princípios, numa Doutrina como a espírita, é qualquer coisa de sublime, uma vez que ela, mau grado a intransigência de alguns, terá de ser sempre encarada sob os seus três aspectos — CIÊNCIA, FILOSOFIA e RELIGIÃO, que é como se dissesse, corroborando Kardec — «toda Ciência deve ser religiosa», assim como afirmou também André Luiz: «Toda expressão religiosa é sagrada; todo movimento superior de educação espiritual é santo em si mesmo», o qual chegou a reconhecer que a Ciência progride vertiginosamente no planeta, e, no entanto, à medida que se suprimem sofrimentos do corpo, multiplicam-se aflições da alma».

Queremos crêr, sem que isto de algum modo vá de encontro à feliz iniciativa dos dignos companheiros do C. C. M. E. B., os quais pela sua infinita bondade, acabam de conferir-nos o título de Conselheiro Honorífico — que o problema mais sério do mundo acidentado em que vivemos, não será o da formação intelectualista das novas gerações, seja em qualquer setor das atividades humanas. O Mundo se extertora e morre à míngua de amor! E uma voz que nos vem do fundo da alma, nos adverte — eduquemos os nossos corações! «A grandeza do espírito não consiste sómente no conhecimento; ela está também no ideal elevado». (Léon Dénis — O GRANDE ENÍGMA — pag. 85).

Nada há melhor do que opiniões

respeitáveis, para confirmarem uma assertiva. Vejamos mais duas: «E' mais fácil recolher criaturas de maiores cabedais de amor com reduzida inteligência, e convivermos com elas, no processo evolucionário comum, do que abrigarmos pessoas sumamente inteligentes sem amor aos semelhantes; com estas últimas, a vida em comum, no sentido construtivo, é quasi impraticável». (NO MUNDO MAIOR — pag. 212); «Não nego o respeito que se deve ao talento; porém tenho em conta que a estima e prática na vida diária de quanto é nobre e bom, a retidão de conduta, a delicadeza no trato e o amor à justiça, podem faltar ao homem mais instruído». (O. S. MARDEN—FORMAÇÃO DO CARÁTER — pag. 101).

Sábios, muitas vezes sábios, foram

aqueles homens inventores das bombas e torpedos submarinos; das bombas aéreas e atômicas! Todos eles tinham o cérebro cheio de conhecimentos e o que mais é, sabiam o fim a que se destinavam os seus inventos!...

E ao encerrarmos estas considerações, veio-nos à lembrança aquelas sábias palavras de Jesus: «A seára verdadeira é grande, mas poucos são os trabalhadores de bôa vontade; roguemos ao Pai para que êle envie novos trabalhadores para a sua Seára!» (Mat. IX-37/38).

Continuemos a rogar ao Pai que Êle envie novos trabalhadores, de bôa vontade para a sua Seára!

E por hoje é só.

Nova Iguassú, Julho, 1949.

Mais Academias...

Crônica de Leopoldo Machado

«O saber não ocupa lugar», é velho rifão. E a ciência, é, também, uma revelação de Deus, que nô-la envia, afim de que, por meio dela, tornemos menos árdua e mais suave a vida na carne e na Terra.

Bençãos e louvores para toda Sabedoria, que é, ou deve ser, função precípua das academias!

Assim, quanto mais academias, de onde saía a Sabedoria que beneficie o homem e a ciência que dignifique a Terra, melhor!

Prova-se, entretanto, que nem sempre as academias colimam sua altíssima finalidade; que as maiores revelações científicas tem partido do estudo isolado, através de experiências individuais. Muitas, até se atiraram e se atiram contra princípios desta mesma ciência, contra revelações desta mesma sabedoria. Bernheim, Servet, Harvey, Pasteur, Janet, Edison e tantos, foram negados por academias. Na em que Bernheim quis demonstrar a influência e o efeito do magnetismo animal, negou-se-lhe a palavra para concedê-la a outro sábio, afim de demonstrar—imaginai só!—pelos palpos, seria fácil distinguir a aranha macho da fêmea!...

E vai-se, também, criando, por aí

afóra, academias para diplomarem profissões e profissionais, os mais extravagantes! Já existem academias de divorciados, de tiros ao alvo, de conzinheiras, de mendigos...

Surgiu, ha tempos, entre nossos vizinhos do Plata, uma academia originallíssima, que se dispõe a ensinar normas e regras de uma profissão árdua e difícilíssima: a Academia dos Roleteiros. E' uma academia «que se destina aos aspirantes à profissão de jogadores, para figurarem nos quadros de funcionários de grandes casinos». Foi fundá-la uma altíssima figura, talvez a mais importante de *Monte Carlo* — diz a notícia — o gal. Pierre Polotvsoff. Nada mais natural — diz ainda a notícia — do que a formação de técnicos para viverem do jôgo. E evoca-se, até, o nome e a projeção do grande Pascal para os créditos da academia de jogadores profissionais, que se está creando em *Mar del Plata*, cuja notícia vem ilustrada a *cliché* de jogadores em redor de grande mesa e diante de montes de fichas...

Em dias do ano findo, vimos um *camelot* apregoar, no Largo de S. Francisco, *altíssima voce* uma obra colossal, ao preço reles de 600 rs.: a *Arte de Ganhar no Jôgo!* Lendo, agora, a fundação

de tal academia, pusemo-nos a pensar: porque uma academia para ensinar aquilo que se pôde aprender num livro de 600 rs.?

Nós, felizmente, não jogamos. Nem por distração, com amigos. Estamos até, com o critério japonês, a respeito de jogar com amigos. Ninguém joga, sinão para ganhar. Deixa de ser amigo aquele que nos convida para ganhar o nosso dinheiro.

A *Academia de Roleteiros* se propõe a preparar os mais maneirosos de nossos inimigos, porque aqueles que nos levam o *cobre*, dando-nos a ilusão de que vamos ganhar muito.

Não cremos seja esta a missão das academias, embora não se creasse, ainda, a mais necessária, no dizer de Jean Finot, de todas elas: a academia que ensinasse a Felicidade.

Essa academia — ai, de nós! — sendo, incontestavelmente, a de mais premissa, conseqüentemente, a mais importante de todas elas, é a que, entretanto, nunca se fundará. Pois não é, até, um axioma que «a felicidade não é deste mundo»? Não pôde ser, portanto, das suas academias...

Já se falou e já se escreveu sobre a necessidade de uma academia espirita, de que saíssem pregadores a diplomas, bachareis em Espiritismo (já os ha-

tantos por aí, sem academias) fazedores de Espiritismo. Misericórdia! E ai, do Espiritismo, que seria, naturalmente, a sua dogmatização, a sua sectarização, a sua humanização!

O Espiritismo não carece, ao nosso ver, de academias próprias. Mas de penetrar — isto, sim — nas academias, afim de que nelas se estude a mais séria das ciências, a Ciência da Imortalidade; a mais forte das filosofias, a Filosofia do Espírito; a mais doce das religiões, a religião do amor!

Muito não faz que a revista francesa, *Nature*, lamentava a apatia manifestada pelas Universidades contra o Espiritismo. Que é a mesma atitude que sempre revelaram, através dos séculos, por todas as descobertas importantíssimas. O prof. William Mc Dougall, talvez influenciado pela revista, entrou de estudá-lo, então, na Universidade da Carolina do Norte. Telegrama recentíssimo nos diz que, na velha Albion, acaba o Espiritismo de transpôr os umbrais de uma Universidade.

Bravos! Um bom sinal, de vez que o Espiritismo não pede, como ciência que é, sinão que o estudem em toda parte, principalmente nas academias e universidades!

E para emprestar brilho e importância às universidades e academias!...

O Ano Santo e o Dia de Graças

O ANO DE 1950, que será santo por decreto do Vaticano, está sendo comentado, desde já, com certo entusiasmo e enchendo de esperança e fé a catolicidade brasileira.

Austregésilo de Athayde, brilhante colaborador dos «Diários Associados» e líder das hostes romanistas na imprensa política de nossa Pátria, publicou no DIÁRIO DA NOITE de 27 de agosto próximo findo, uma de suas habituais crônicas, salientando, antecipadamente, o grande acontecimento.

O articulista diz que ha grande expectativa em Roma pela presença dos romeiros do Brasil.

Mas, afinal, será mesmo santo o ano de 1950? E, santo porque?

— Ora, porque! Então, o santo

Padre não é, realmente, a maior autoridade na Terra, em matéria de coisas transcendentais? — Pergunta-nos, respondendo, uma beata ao lado e que não foi chamada à conversa. — Não é êle, por ventura, o chefe supremo da maior organização político-religiosa do mundo? E, além disso, não foi a êle que Pedro, a pedra fundamental da Igreja e representante imediato de Nosso Senhor Jesus Cristo, delegou todos os poderes excepcionais, com a cêrteza da sanção divina?

Não ha pois, motivos para qualquer dúvida. O ano de 1950 será mesmo santo. Sim! pensamos nós, nem que surja outra guerra, pondo em perigo a nossa fragilíssima paz, que nem sabemos se é paz ou comêço de guerra.

Que importa! Se vier outra guerra, para nos arrancar deste leito de Procusto, que é situação duvidosa em que vivemos, entre a promessa da paz e a ameaça da guerra, talvez seja uma guerra santa.

A espada e a cruz que representam os instrumentos da morte, nunca se separaram. É verdade que a espada, hoje, não passa de um símbolo, mas, símbolo também é a cruz e servem ambas para o místico incitamento das almas.

Reclamamos para nós, diz o articulista emérito, o título que se avizinha da verdade de maior país católico, não só pelo tamanho do território como ainda e sobretudo pelo vulto da população, quasi unanimemente fiél à Igreja de Roma.

E diz mais: «Temos que honra-lo com atos que traduzam essa nossa fidelidade à fé cristã e à autoridade do Papa».

Pois sim!... E do Brasil partirá, por certo, a maior romaria até hoje realizada (a custa de quem?), em busca da capital do mundo católico. E, quem sabe se não nos perguntará o pobre Zé, cansado de sofrer e de esperar, vendo que para êle o leite, o pão e o teto brincam de esconder — que haverá de comum entre o Cristo na cruz de madeira e o Papa com a cruz de ouro?

E nós diremos: ó Zé, pois tu ignoras que, quando sacrificaram Jesus não havia Papas nem papanças, e que a paparroteira do Primado Universal veio 300 anos depois, para conservar-se à custa de muito sangue?

Aí vem o ano santo, ó Zé, e quem sabe se em seu bôjo uma outra guerra, talvez a mais tremenda de todas as guerras até hoje registradas nas páginas rubras da história humana?!

Substituindo a espada das guerras púnicas que garantiu a vitória dos romanos sobre os cartaginezes, como também a de Zama e a tomada de Carthago, os aviões a jacto, as bombas atômicas e foguêtes, resolverão em alguns minutos apenas a sorte ou a desgraça do mundo. E, no final da festa dantesca, a fôrça e

o fuzil, como argumentos jurídicos que desafiam contestação, a exemplo do que aconteceu no acêrto de contas com a Alemanha, a Itália e o Japão, decidirão, tal como a cruz, o instrumento de suplício, na tragédia do Gólgotha, iliminando o Cristo.

Mesmo que tudo isso aconteça e muito mais ainda, o ano de 1950 será mesmo santo, porque o Papa o decretou.

A miséria, a falta de confôrto, a fome que campeia por toda parte, as enfermidades, o encarecimento da vida facilitando a morte por inanição, a tanta gente por êsse mundo de Deus, não terão fôrça capaz de destruir ou alterar a gloriosa significação de ANO SANTO.

* * *

O Congresso brasileiro também decretou e o Presidente da República sancionou o Dia de Graças ao Criador.

Êsse dia será, em todos os anos, a partir dêste que é o da véspera do Ano Santo, a última quinta-feira do mês de Novembro.

Não importa que tenhamos sentido, na pele e na alma, em todo o curso de onze meses consecutivos, as nossas próprias dôres e os sofrimentos de todo um povo mal nutrido e mergulhado nêsse pantanal de dúvidas e mistérios por onde navegam, sem bússola, os «grandes senhores da civilização cristã».

O que precisamos, sobretudo é que, na última quinta-feira de Novembro, em cada ano, estejamos dispostos de corpo e de alma, a elevarmos aos céus as nossas mãos súplices e agradecermos a Deus, mesmo por hipótese, as graças recebidas, porque isso correrá, indubitavelmente, por conta dos nossos pecados.

Lendo agora um belo comunicado mediúnico de Cairbar Schutel, pelo lapis de um médium que nos merece fé, extraímos, a propósito, esta chave de ouro num pensamento de luz: O DIA DO SENHOR É SEMPRE HOJE.

Pereira Guedes.

Rio, Setembro de 1949.

Todo aquele que se propõe a trabalhar na doutrina tomando lugar de vanguarda, precisa estar bem preparado nos preceitos evangélicos, afim de evitar contendas e desmandos. — JUCA.

Fenômenos de Materialização

XXXII

(Penúltima Crônica da Série)

Sessão de sábado, 17 de Abril de 1948.

Com o Professor Newton de Barros na presidência e a assistência normal acrescida do confrade Efigênio Sales, de Belo Horizonte, Minas Gerais, os trabalhos tiveram início às 20 horas em ponto, com uma prece feita com contrição. Na sala contígua ao salão, estava um não pequeno número de enfermos, com permissão para tanto, esperando as bênçãos da melhoria dos seus males físicos e da integral cura.

A sessão decorre na forma costumeira, dividindo-se o tempo da interrupção da produção de fenômenos de efeitos físicos, entre proferirem-se preces, entoarem-se hinos e comentarem-se trechos evangélicos.

Na esperança de serem obtidas as telas com as efígies de Abel e David, alguns companheiros deixaram, nêsse sentido, um pedido coletivo ao Tongo.

No sopé do manuscrito, por escrita direta, fôra grafada a seguinte sentença:

«Não foi possível efetuarem-se pinturas hoje. Scheilla».

A crayon, um dos frequentadores escrevera em uma folha de papel, isto: «Pedimos o retrato de Garcês». A resposta foi aposta no fim da lauda: «Perdoai-me, amigos! Procurem querer-me em espírito. Garcês».

O idolatrado espírito de João de Deus, todo iluminado, materializa-se, indo assistir aos doentes na sala onde êles se encontravam. David veio quatro vezes à assistência, perfeitamente materializado.

Varios painéis luminosos surgiram na cabine, sendo conduzidos por vários espíritos materializados, não identificados. Entre eles anotamos os seguintes: «O verdadeiro cristão pratica a humildade. Nina». «Jesus é o nosso Salvador. Scheilla». «Vinde a mim os pequeninos. José».

A reunião durou cêrca de três horas sendo encerrada com uma prece fervorosa. O médium Lins foi despertado

em seguida. No recinto foi encontrada um interessante modelo de mão em parafina.

* * *

Na sessão anterior, na qual não trabalhou o médium Lins, sem que disso tivesse conhecimento a assistência, verificava-se o 5.º aniversário do boníssimo espírito de Ilka. Por êsse motivo, vários espíritos familiares homenagearam aquela entidade espiritual, dedicando-lhe aloções e poesias alusivas, entremeadas de delicadas expressões, trescalando ternura e carinho.

As quatro quadras seguintes foram o único cabedal poético que os assistentes puderam gravar na memória, do muito que nos foi dado.

«Das rosas, o fino olor,
Trago como oferta minha:
Quer ao pai, quer à filhinha,
Desejo bênçãos de amor.

David.

«Faz hoje 5 anos
Que desceu à tumba fria,
O corpo de uma donzela
Que goza paz e alegria.

Abel.

Um lustro, já se passou
Que baixou à sepultura,
O corpo da virgem casta,
Que hoje tem Luz e Ventura.

(?)

Eis o enigma, assás confuso,
Que a Ilka não decifrou:
Afinal, o Vitorino,
E' seu pai, irmão ou avô?

José.

A primeira quadrinha foi proferida depois de um diálogo apoteótico entre o querido irmão Vitorino Eloi dos Santos e a Ilka, a inesquecível filha, já na espiritualidade.

A 2. e 3.a quadrinhas foram apre-goadas no intervalo das preces e dos cânticos, Não se fixou o nome do autor

desta última. A quadrinha final proferiu-a, estridentemente, o tão apreciado José Grosso, fazendo trocadilho humorístico, visto que se refere ao pai da entidade homenageada, que nos meios espíritas é conhecido pelo apelido de: «Vovô Victorino».

A reunião em cita teve atrativos e emoções intraduzíveis, tendo sido encerrada às 20 1/2 horas.

Amadeu Santos.

Rio, Maio de 1948.

Em Consciência

Para nós, ao contrário do que a muitos confrades parece, benéfico sintôma se afigura o da pública e mais ampla discussão doutrinária, embora por prisma divergente do que visamos em longo e assaz laborioso tirocínio e procuramos manter, sem pretender hegemônicas diretivas e galardões outros, além da satisfação de um dever moral, honesta e lúcidamente cumprido.

Encarando o facto espírita e a doutrina dêle decorrente, de um plano mais nobre e elevado que o das estreitas competições pessoais, dos prélios de escolástica no em que possam comportar de pequenamente humano e partidário, só temos motivos para nos congratularmos com êsse movimento revelador, no fundo, de auspiciosa vitalidade.

Aos que de tais demonstrações, por excessivo zêlo se arreceiam, prefigurando-se a hipótese de fracassos e deslises de efeitos contraproducentes na pública opinião sempre desapercibida para o são discernimento, pela natural ausência daquele critério que só o conhecimento de causa pressupõe, a esses ocorre lembrar que as grandes causas precisam desses embates para definitiva consagração, passando por êsse cadinho de provas e provando, por sua vez, a capacidade dos que as buscam e procuram servir.

E' pois, um trabalho providencial de seleção, do qual nem mesmo se apercebem, muitas vezes, os próprios tarefeiros, cuja ilusão se pôde conjeturar necessária, como fôcos de atração indireta de energias e vocações que, sem tais pontes de transição ou de apôio, retardariam o próprio movimento para o alvo comum e superior.

Depois, convém jamais perder de vista que a doutrina espírita, prática ou

teóricamente considerada, é a comunhão dos espíritos, é a interpretação dos planos em que pairam e atuam encarnados e desencarnados, por escala de afinidades.

E como aos desencarnados cabe o melhor ascendente, por isso que a VERDADE baixa sempre graduada para cada homem, como para cada grupo de homens, e, em sentido mais lato, para cada geração, é lícito concluir com Gamaliel, que, se uma idéia é oportuna e verdadeira, não ha como impedir-lhe o triunfo; e se o não fôr, cairá de si mesma.

O CRISTO — caminho, verdade e vida — também disse que toda planta que o PAI não houvesse plantado seria arrancada.

Ora, a planta divina, dí-lo a Revelação Espírita, pela voz autorizada dos espíritos superiores prepostos à sua difusão e desdobramento; dí-lo o mesmo bom senso humano no estudo de todas as teogonias, não assenta raízes e muito menos as profunda na simples presunção de um homem ou de uma escola humana, por mais fecundo que lhe seja o campo e apurada a lavra.

Essa planta indestrutível, de todos e para todos os tempos plantada e divinamente regada, existe latente ou florescente em todos os corações humanos e em todos os tempos ha dado sasonados frutos.

Essa planta chama-se Fé, chama-se Esperança, chama-se Caridade, e pôde germinar e florir virtualmente em todos os corações, independente de regras e teorias suscetíveis de modificações no tempo e no espaço.

E as que o Pai não plantou? Evidentemente, ha na frase uma metáfora, porque nada existe que do Pai não provenha; mas, queremos crêr, essas plantas são as vergôntes da ignorância relativa,

por sua vez fonte de orgulho, gerador de antítese ás três virtudes acima aludidas.

Para arrancá-las, isto é, para combater a ignorância, é que a Revelação Espírita vem despertar a humanidade, sem violentar consciências, erguendo-a do volutabro ambiente das paixões grosseiras e ampliando os horizontes dos seus até aquí mal entressonhados destinos.

E é para isso que o Pai permite venham os espíritos de luz ou de trevas — outra metáfora — comungar mais ostensivamente conosco dando-nos uns, no esplendor de sua glória, energias novas para conquista da felicidade eterna, e despertando-nos outros, no quadro dos seus sofrimentos, os estímulos de piedade no eventual auxílio moral que lhes devemos, pois que a obra é solidária e universal.

Esta, para nós, a grande tarefa do Espiritismo, a sua missão régia, magistralmente traçada pelo seu Codificador, com o qual nos sentimos bem identificado em nosso programa.

Procurando elevar o nível moral da humanidade demonstrando-lhe racionalmente a existência de Deus e a sobrevivência e imortalidade da alma, é claro que fazemos obra religiosa, no bom sentido da palavra.

Se temos beneficiado o próximo, não é a nós que compete dizê-lo. A efusão de sentimentos, a disciplina espontânea, as provas de solidariedade, o apôio moral de inúmeros contrades e núcleos da idéia, disseminados por esta grande pátria e até do estrangeiro, atestam bem que traduzimos no momento os anelos de grande família espiritual.

Isto, e mais: a sanção de nossos Guias e mentores refletindo-se na paz da consciência, é quanto basta para nos despreocuparmos da objetiva de personalidades no cumprimento fiél do programa

que nos impusemos, sem desfalecimentos nem temores.

E se, por humanos, receios efêmeros nos assaltassem, para logo se desvaneceriam a só conjectura de que o lema de ISMAEL (1) não encontra repulsa em nosso coração.

Que outros, por bem intencionados, perlustrem outros caminhos e nos combatam, nem por isso mal lhes havemos de querer.

A causa que esposamos é de Jesus e não nossa, pois a Ele pertence todo o rebanho, do qual, por fim, nenhuma ovelha se perderá.

Portanto, todo o tentame em pról da humanidade com Jesus, será para nós benvindo.

Tampouco, o saberíamos querer para nós com exclusivismo, de vez que todos lhe pertencem e têm a liberdade de o buscar e servir em consciência.

E se o fazem melhor ou piór, não nos cabe julgar *ex-professo*, adstrito ao ensino de que a cada qual será dado segundo as obras, que não palavras.

Descansem, portanto, os nossos confrades mais timoratos, na convicção de que a boa semente, e só ela, pode, frutificar, e de que o ascendente da doutrina não está, felizmente para nós, na dependência dos nossos caprichos, misérias e imperfeições.

Que a Doutrina não é do Grupo A nem do Centro B, simplesmente porque é de Jesus; e no dia em que os homens, loucos e presunçosos a negassem; ainda que os próprios espíritos desincarnados a postergassem, as pedras surgiriam a dar o verdadeiro testemunho da sua fôrça incoercível.

M. Quintão.

(1) Deus, Cristo, Caridade.

LIVROS E AUTORES — Leopoldo Machado

PIERINO GAMBA — Isidoro Duarte Santos — *Estudos Psíquicos*, Editora — Lisbôa.

Os meninos prodígios sempre foram problemas de difícil solução.

A Ciência andou sempre a tutelar sôbre e genialidade infantil, como, de resto, por ser materialista a Ciência ofi-

cial, se é que pôde haver uma ciência oficial, tateia sempre diante de casos e fenômenos da inteligência e do espírito. A verdade é que agarrando-se a leis de hereditariedades, atavismos e genialidades, a Ciência, quer se chame psicologia ou psicanálise, psiquiatrias e outros *psiques* e *psicos* deixa muito a desejar nas suas manifestações a propósito.

A genialidade infantil foi de todos os tempos e em todos os domínios.

Mas, no reino das artes—da música, principalmente, é que mais, parece, se manifesta. Naturalmente porque a música é a mais sublime das artes e a genialidade infantil a prova mais eloquente da reencarnação...

Dois gênios musicais infantis estão, agora, alarmando o mundo das artes e das ciências, chamando a atenção de artistas e sábios, de cientistas psicólogos. São eles, Pierino Gamba, italiano e Rober Benzi, francês, descendente de italianos. Benzi com quatro anos conquistou, em Paris, o primeiro prêmio internacional de acordeon. E ainda há meses, a 30 de Março, regeu, no Teatro dos Campos Eliseos, uma orquestra de músicos do conservatório, executando Listz e Moussorgsky com maestria. Foi aclamado pela abalizada crítica parisiense como novo Mozart.

Pierino Gamba já realizou mais, muito mais, tornando-se, por isso mesmo, mais conhecido e aclamado em vários países.

E, por ser mais célebre já, talvez por que tem mais idade, inspirou um livro, um grande e belo livro, que se lê e se fica pesaroso, quando se chega a sua última página.

Pierino Gamba viajou a América do Sul, passando pelo Brasil rumo a Buenos Aires. Seus poucos concertos aí assombraram. Passaria pelo Brasil para alguns espetáculos. Mas, uma gripe séria fê-lo interromper seu programa, fazendo-o voltar precipitadamente para sua terra.

Isidoro Duarte Santos, o grande escritor espiritualista português e não menor espírita quer pela inteligência e bom senso, quer pelo dinamismo e empreendimentos culturais a serviço da Doutrina, pôs a genialidade de Pierino Gamba e as opiniões que têm chovido a respeito dela num volume de quasi duzentas páginas, excelente apresentação gráfica e maior enlevo cultural.

Livro escrito em pouco mais de uma semana.

A princípio seria, apenas, um opúsculo.

O assunto, porém, de tal modo enleiou o autor, que êle foi deitando cultura e análise profunda nas páginas que se foram sucedendo, até chegar a 174

páginas, depois de vencidos 17 capítulos encadeados, objetivos, claros.

Abre-se o volume e não se tem o direito de fechá-lo sinão quando se lhe chega ao final. Terminada sua leitura, tem-se a impressão de que um mundo de coisas novas se abriu diante de nossos olhos e de nossa mente, tal é a maneira do autor em apresentar as coisas e os factos que a gente sabe, por que, até, já se passou, emprestando, assim, um novo aspecto às coisas.

O maestro garoto é visto e estudado através de todas as teorias em voga, ao sabôr da ciência materialista antes de chegar-se, naturalmente, à teoria mais lógica e mais demonstrável: a teoria da reencarnação que nos diz aí está reencarnado um grande maestro do passado. Nada mais e nada menos do que um grande músico do passado, que voltou à Terra e à carne para complemento, talvez de sua ascese definitiva a outros mundos superiores ao nosso mundículo.

Pierino Gamba, de Isidoro Duarte Santos, é livro que não se deve, nem se pôde deixar de lêr. E será lido no Brasil, onde seu autor, sôbre ser muito conhecido, é fartamente querido e admirado.

Somos grato ao exemplar que nos coube, com honrosa dedicatória do autor.

GÓTAS DO EVANGELHO — *Anibal Ribeiro*, Recife, Pernambuco.

O Evangelho, a água viva do Céu, o vinho purissimo do amor de Deus pelos homens, servido em gôtas, talvez saiba melhor. Talvez alimente mais os espíritos sequiosos de verdades divinas. E cure, de facto, homeopaticamente, nossos males da alma. E' que em cada uma de suas gôtas há, por vezes, matéria para horas de reflexão, mundos de ensinamentos. Mundos de ensinamentos e interpretações tão grandes, que, alicerçados no Evangelho, ha quantas doutrinas cristãs. E o que mais é: cada uma julgando-se, só ela, com o privilégio de melhor interpretá-lo, possuída, portanto, só ela, de toda a verdade evangélica.

Ensinamentos assim, e verdades desta natureza, claro que só servidos homeopaticamente, em gôtas milagrosas.

Gôtas Evangélicas é o volume do dr. Anibal Ribeiro, de Recife, que o ilustre autor teve a gentileza de deixar em nosso Ginásio, com dedicatória para nós.

O livro é de 1947. Impressão do *Jornal do Comércio*, de Recife e apresentação gráfica atraente. A capa, expressiva e modesta, com 131 páginas e 35 trabalhos, crônicas oportunas e estudos sintéticos, mas substanciosos.

Tudo, no volume, principalmente sua apresentação modesta, chamou-nos a atenção. Apresentação tão modesta, que o autor, além de cancelar o dr. de seu nome, apresenta-o com iniciais minúsculas.

Fomos às suas páginas, na esperança de encontrarmos, em gôtas, interpretações evangélicas à maneira do incomparável Vinicius e do Isidoro Duarte Santos, no seu excelente **LUZ NO CAMINHO**. Logro! que o volume é de estudos ligeiros e críticas construtivas. Mas, críticas e estudos inspirados em gôtas evangélicas. Logro?! De modo algum, pois, se o volume falha no título, não falha na matéria que enfeixa.

Para nós, principalmente, que crônicas bem articuladas, estudos sintéticos, crítica construtiva são gêneros que lemos sempre com infinito prazer, sem arrependimentos. Mormente, quando o volume contém páginas que devem ser lidas e relidas. Que deveriam ficar, até, como advertências constantes, em muitos órgãos de publicidade e dos mais lidos, que é o caso do volume em análise. *Cas-tidade*, eis uma dessas páginas. Não ha dúvida que «vêr a mocidade mergulhar no charco do êrro, enodoar os espíritos com os pecados da carne, indiferente ao sofrimento dessas pobres criaturas é, talvez, um verdadeiro crime», como escreve o autor. É um crime verdadeiro, sim, que só um movimento juvenil, bem articulado, como se esboça, promissoramente, no Brasil as Mocidades Espíritas, pôde combatê-lo, exterminá-lo.

Dorminhocos, é uma crônica oportuna, que tem 50% de razões. Não lhe damos 100% porque sabemos que nem todos dormem nas sessões de estudo por descaso ou preguiça. Mas, por outros fatores, como atuação de espíritos, interessados no estacionamento espiritual de seus atuados, indisposição orgânica, deficiência de explanação, de vez que ha expositores e oradores soporíferos, que são narcóticos vivos; canceiras decorrentes de labores diários. A Igreja, psicóloga, compreendendo a procedência da última razão, faz suas cerimônias pela manhã, apanhado, assim, o espírito mais leve e o corpo repousado.

Fraternidade, outro trabalho apreciável. Mas, não espere o autor, para êste século, pelo menos, sua realidade entre as religiões diferentes. Pois, se ela ainda não ha entre profitentes da mesma religião e filiados à mesma corrente doutrinária, tivemos disso, agora mesmo, duas provas exuberantes. E da parte de quem devia dar exemplo de fraternidade e anda a pregar fraternidade, quando foi do Congresso de Mocidades Espíritas, no Rio e com o Congresso de Unificação Espírita, em S. Paulo...

O *Pior Inimigo, Oradores Espíritas e Evitar Filhos*, são páginas fortes, oportunas, verdadeiras, com que estamos de pleno acôrdo, que gostaríamos de comentá-las mais largamente.

Os outros capítulos não desafinam dos que enumeramos, que o autor sabe observar e dizer bem, com precisão e firmeza de expressão e de estilo, o que observou.

Seu livro foi, para nós, uma surpresa agradável, porque, em dia com a nomenclatura dos escritores e escrevinhadores do Brasil, até com os que desafinam de nós, ignoravamos a existência de escritor e cronista tão objetivo, tão claro e lógico, tão desassombrado.

Gratissimo, pois.

Tudo o que está se verificando no vosso mundo visa unicamente melhorar as condições morais e espirituais da humanidade. É a lei da Evolução obrigando o homem rotineiro a prosseguir na marcha rumo a Deus. Portanto, ficai certos de que muito em breve grandes cousas se verificarão no campo espiritual. Aproxima-se o dia em que todos dirão a uma só voz: «Bemdito aquele que vem em nome do Senhor!»

Crônica Estrangeira

Factos que não sei explicar

Por J. B. RHINE

Professor de Parapsicologia na Duke University, autor de «*The Reach of the Mind*»

Pelas experiências de laboratório, na Duke University, nós que lá trabalhamos há 17 anos sabemos que a comunicação de mente para mente, sem auxílio dos sentidos é facto comprovado. Atualmente, investigamos outros fenômenos psíquicos, que a ciência ortodoxa relegou ao monturo da superstição.

Nossas pesquisas são incrementadas pela cooperação de pessoas que contribuem com a matéria prima de sua experiência pessoal no terreno dos fenômenos psíquicos, para a análise de laboratório. Como exemplo, existe o caso de uma jovem que sonhou com o irmão postado na prôa de um navio que naufragava. Ele tinha um telegrama na mão e estava rodeado de parentes em pranto. A irmã viu nitidamente o nome do barco — *Anderson*.

Mais tarde, recebia um telegrama que a informava de que o irmão perecera no torpedeamento do navio-tanque *Republic*. Ao pedir mais pormenores, soube que o nome do capitão do navio era Anderson.

Isto é o que chamamos manifestação psíquica verídica, pois o sonho da joven tinha os atributos de relato de um fenômeno que realmente acontecera, mais ou menos no momento em que ela sonhara com ele. Era óbvio que ela fizera um relato verídico do que sonhara. Se ela quisesse exagerar, provavelmente teria dito que o nome do navio que vira no sonho era *Republic*.

Um indivíduo que mora no Texas contou que, certa noite, quando se preparava para dormir, seu pai entrou no quarto, vestido de macacão todo manchado de graxa, e com semblante tristonho,

«Papai!» exclamou o filho, estendendo-lhe a mão.

O pai deu-lhe um forte aperto de mão e, subitamente, desapareceu. A essa altura, souu a campainha da porta.

Atordoado, o jovem precipitou-se escada abaixo. Lá estava um mensageiro, com um telegrama que participava a morte do pai na Califórnia, na garage onde trabalhava.

No nosso laboratório, aceitamos esses relatos não como prova de coisa alguma mas sim como fonte de possíveis sugestões para futuros estudos. Cada fenômeno indica como o inconsciente comunica suas apreensões ao consciente.

No caso do sonho da irmã com o naufrágio, o último pensamento do irmão poderá ter sido a respeito dela. Inconscientemente, talvez tivesse ele enviado uma alucinada mensagem, empregando aquelas forças latentes de que sabemos tão pouco.

Talvez o mecânico da Califórnia se tivesse lembrado, pouco antes de morrer, de que a mais desoladora consequência de sua morte seria o choque que a notícia causaria ao filho. Talvez, através do estranho fenômeno a que chamamos telepatia, o pai se houvesse projetado em pensamento de maneira tão viva, que o filho chegou a vê-lo no quarto.

Outro habitante do Texas, um banqueiro, natural da França, relata que, certa noite, apanhou o romance de Willa Cather, intitulado *Death Comes for the Archbishop*. Lera o livro na véspera e, assim, abriu-o a esmo, encontrando-se no meio do capítulo que narra a morte do velho arcebispo. Na primeira leitura do volume, tal cena não lhe provocara emoção especial. Mas, desta vez, os olhos encheram-se-lhe de lágrimas e ele começou a soluçar. Ocorreu-lhe então que a única vez em que chorara, depois de adulto, foi quando sua mãe morrera, na França, onde o pai ainda vivia.

Começou a refletir: «Se a única vez em que chorei depois de adulto foi quando morreu minha mãe, então agora, que choro de novo, deve ser pela morte de meu pai».

No dia seguinte, recebeu um cabograma que lhe participava a morte do pai, ocorrida na hora em que ele lera o capítulo do livro.

«Pura coincidência!» dirão os leitores. Talvez. Mas esperamos que o exa-

me desses casos nos sugira experiências mais aperfeiçoadas.

Um de nossos muitos correspondentes comunicou-nos que uma estenógrafa da Carolina do Norte, perdida num devaneio, à mesa de trabalho, se apercebeu de que estivera escrevendo no bloco de tomar ditados. O que ela escrevera espantou-a: «Olhe onde está a água». Durante o dia, sentiu-se dominada por um desejo imperioso de ir até à estrada que passava por cima de uma reprêsa situada nas adjacências. No dia seguinte, de novo foi obcecada pela vontade de ir ao açude e persuadiu o marido a levá-la. Lá foram encontrar uma multidão aglomerada, enquanto se procedia à busca de um automóvel que tombara da ponte. No carro viajavam um rapaz e sua mãe. O filho salvara-se a nado, mas o corpo da senhora ainda estava no carro submerso.

A estenógrafa sentiu-se embaraçada ante a rapidez com que a sua estranha história circulou entre o povo, e evitava falar do caso.

A propósito: decorrido um ano, o filho da afogada respondeu a processo e foi condenado por haver assassinado sua progenitora para receber o valor do seguro de vida da mesma.

Tais fenômenos psíquicos são muito comuns. Nem sempre são racionais; duvido, aliás, que tenham alguma coisa que vêr com a razão, tal como a entendemos. É por isso que tantas pessoas que já experimentaram tais fenômenos relutam em relatá-los, receando duvidarem de sua integridade mental.

Certa senhora disse-nos, há tempos, que, enquanto passava um fim de semana em casa de uns amigos, sentiu irresistível ímpeto de voltar para casa. Acabou convencendo alguém a levá-la. Ao chegar, descobriu o marido dormindo na sala, quasi sufocado pela fumaça que enchia o recinto. O tapete ardia, incendiado por fagulhas que haviam saltado da lareira.

Era nítido exemplo da apreensão clara, desperta e consciênte de um acontecimento que ocorrera fóra do alcance e alheio ao conhecimento do aparelho sensorio humano.

Há tempos, recebemos uma carta de um sargento da Legião Estrangeira, natural da Rumânia, em que relatava certas circunstâncias curiosas da morte de

sua bisavó. Esta morrerá na presença de seis testemunhas, proferindo, à última hora, frases desconexas. No delírio, descreveu minuciosamente o seu entêrro. Mencionou uma torre em conserto, que seria visível do cemitério e exclamou: «É uma vergonha rir em tal momento».

É interessante notar que, enquanto baixavam o ataúde à cóva, dois dias mais tarde, um operário no andaime da torre que ela mencionára soltou subitamente uma gargalhada. Em seu confuso monólogo, a anciã também mencionára um cão negro que seguiria o cortejo, irritando os que o acompanhavam. Tal cão negro, realmente, compareceu no dia do entêrro, molestando os circunstantes.

O caso é mais um desses fenômenos que não podemos explicar, mas é característico da maneira pela qual a percepção extra-sensorial transpõe o limiar do inconsciênte, para penetrar no consciênte.

Precisamos de muito mais indicações como essas, provenientes dos casos que nos são encaminhados. Poderão dar-nos novas perspectivas de como a mente funciona e do que ela é na realidade. Utilizando os meios mais dignos de confiança de que podemos dispôr, temos de averiguar se os atributos a que chamamos psíquicos são ou não indícios de um sêr transcendente que não é de todo mortal. Os estudos que estamos fazendo de manifestações espontâneas constituem parte importante do processo de encarar esse magno problema.

De «Seleções».



A Igreja Católica Romana e o Espiritismo Italiano

De «Reencarnação»

Por (A. C.) — Victor Sacavem

É com prazer que transcrevemos o que «ALÉM», órgão da Sociedade Portuguesa, Portugal, de Investigações Psíquicas, transcreveu da «Revue Spirite» de Paris:

Das provas de estima, dadas recentemente pelo Papa e pelo cardeal de Veneza, a dois espíritas muito conhecidos em Itália, recortamos as seguintes frases, que recomendamos a todos os ca-

tólicos, e que só por si bastam para classificar de «Inútil O Ataque Dirigido Ao Espiritismo.»

«De resto, é preciso notar que a Igreja, no que diz respeito ao Espiritismo, não se pronunciou duma maneira solene e dogmática, visto que o Syllabus e o Conselho do Vaticano, também condenam o materialismo. PIO XI, o sábio Pontífice das revoluções científicas modernas, longe de ceder à pressão de teólogos intolerantes, declarou que a Igreja deve procurar re-

ver toda a doutrina relativa ao milagre, e ordenou severos estudos de psicologia experimental, afim de ter a possibilidade de aprofundar o assunto».

Ficamos pois, sabendo, que há teólogos que fazem pressão, para que o seu Chefe não acompanhe o progresso da ciência «Psíquica»; e também ficamos sabendo que o Chefe da Igreja de Roma, não cede à intolerância dos seus subordinados e que ordenou sérios estudos de psicologia experimental.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Sanatório «Americo Bairral»

Doenças Nervosas — Mentais — Toximania

ITAPIRA — Caixa Postal, 14 — Fone, 219

Est. de São Paulo

CAMPANHA DO DISCO

Como é do conhecimento de todos, o *Sanatório «Americo Bairral»*, desta cidade, instituição filantrópica para tratamento de enfermos Mentais, Nervosos, Obsedados e Toximaniacos, com Ambulatório para clinica geral, vem prestando relevantes serviços aos sofredores, dentro de um programa cristão e patriótico, estando atualmente com uma média de 220 enfermos internos, dos quais 75 % indigentes, sem contar os tratados gratuitamente no Ambulatório.

Além do tratamento pela medicina e que já conseguiu grandes progressos nessa especialidade, conta o Hospital com a Laborterapia, Esportes e a Psicoterapia moral Evangélica; num regimen semi-aberto e que contribue grandemente na cura ou melhora dos enfermos.

Na execução de seu plano de AMPLIAÇÃO e MELHORAMENTOS, em breve estará concluído um novo pavilhão com um amplo salão para conferências o CINE-TEATRO, com capacidade de para mais de 400 pessoas, com finalidade terapêutica e educacional, proporcionando aos internos maior número de distrações, com programas litero-musical

e humorístico e com films escolhidos de acôrdo com o ambiente.

Ao lado desses belos recursos terapêuticos citados, deseja a Diretoria do Hospital dota-lo também de aparelhamento para MUSICOTERAPIA, excelente meio de distrair, de encorajar e de contribuir para a melhora e cura dos doentes. Para a realização desse desideratum foi encetada a CAMPANHA DO DISCO, motivo por que tomamos a liberdade de procurar as criaturas de boa vontade e de corações generosos a que compreendendo o alcance dessa interessante iniciativa, venham cooperar nessa Campanha, angariando discos de qualquer espécie e remete-los a esta instituição.

Contando com a ajuda dos confrades, antecipadamente agradecemos:

Cesar Bianchi Provedor.

João Torrecilas Filho - 1.º Secretario

Sebastião Aristêo Ferreira - 1.º Tes.

Dr. Hortêncio P. da Silva - Diretor-

Clinico.

Dr. Rayneri Galdi - Dir. Psiquiatra e Analises.

Onofre Batista - Procurador.

Dr. Anizio Simões - Vice-provedor.

Bernardo Pugina - 2.º Secretario.

Miguel Costa - 2.º Tesoureiro.

Dr. Achilles Galdi - Vice-Diretor Clinico.

Dr. Helio S. A. Camargo - Dir. Psiquiatra.

Conclusões do 2.^o Congresso Espírita Pan-Americano

Realizado no Rio de Janeiro de 3 a 12 de Outubro de 1949

1 — Sendo universalmente aceitos pelos espiritistas, como princípios fundamentais de sua crença, a existência de Deus e a imortalidade da alma, o Congresso afirma, em decorrência, o princípio da reencarnação ou das vidas sucessivas como explicação da Justiça Divina.

2 — Não sendo possível confundir a palavra ressurreição com reencarnação, visto que a primeira se refere ao corpo, segundo tradição de povos primitivos, enquanto a segunda se refere ao espírito, o Congresso concorda em concluir pela aceitação da teoria reencarnacionista à luz da codificação de Allan Kardec, respeitando, porém, a opinião dos espiritistas entre os quais ainda não se haja firmado essa convicção.

3 — Considerando que a religião é matéria de fôro íntimo, não podendo, portanto, ser determinada por normas ou regras humanas; considerando, mais, não haver ainda unanimidade quanto ao modo de interpretar o Espiritismo em face do problema religioso, o Congresso não estabelece normas a respeito, e resolve dar plena liberdade nêste sentido; afirma, entretanto, os aspectos científico e filosófico do Espiritismo, segundo a codificação de Allan Kardec, tendo por base moral os ensinamentos de Jesus, de acôrdo com as tendências espirituais dos povos do Ocidente, sem que o Espiritismo deva ser transformado em seita religiosa, recomendando—nêste sentido— a designação de cristianismo espírita.

4 — Afirma o Congresso que — na interpretação da palavra religião — o Espiritismo repele o significado comum de seita, ritual e organização hierárquica ou sacerdotal, e proclama o sentido espiritual de traço de união entre a criatura humana e o seu Criador, que é Deus, causa primária de todas as coisas.

5 — O Congresso reconhece a necessidade de cursos regulares, orgânicos de Espiritismo e de divulgação da obra kardeciana em toda a América.

6 — O Congresso ratifica todos os atos e resoluções do 1.^o Congresso Espírita Pan-Americano e do Conselho Exe-

cutivo da Confederação Espírita Pan-Americana durante o triênio de 1946/49.

7 — O Congresso recomenda a comemoração anual do aniversário da publicação do «Livro dos Espíritos» (18 de Abril) 1.^a obra da codificação kardeciana, em todos os países americanos.

8 — Resolve que o 3.^o Congresso Espírita Pan-Americano, a realizar-se em outubro de 1952, se reunirá em Havana, Capital de Cuba.

Deputado Castro Carvalho

Deu-nos o prazer de sua visita no dia 5 do mês em curso, o Deputado Castro Carvalho, que nos fez uma exposição resumida do trabalho que vem desenvolvendo e do que pretende realizar em benefício das instituições espíritas e da Doutrina, como Deputado eleito pelos espíritas.

O confrade Castro Carvalho manteve conôscos alegre e fraternal palestra, seguindo nêste mesmo dia para Araraquara em visita aos confrades dessa cidade.

Ao Deputado Castro Carvalho agradecemos a visita que nos fez, almejando-lhe felicidades no alto posto que vem ocupando.

Dia Aureo da Confraternização

A Ata da reunião entre os diretores da Federação Espírita Brasileira, da Liga E. do Brasil e de várias Federações e Uniões de âmbito estadual:

Aos cinco dias do mês de Outubro do ano de mil e novecentos e quarenta e nove (1949), na séde da Federação Espírita Brasileira, à Avenida Passos, n.^o 30, na cidade do Rio de Janeiro, Capital da República, Brasil, presentes o Sr. Antonio Wantuil de Freitas, presidente da F. E. B., e demais signatários desta, após se dirigirem ao Alto, em prece, suplicando bençãos para todos os obreiros da Seára Espírita do Brasil, bem como para toda a Humanidade, e depois de longo e coordenado estudo do movimento Espírita Nacional, a que pertencem, acordaram em aprovar os seguintes itens, «ad referen-

dum», das Sociedades que representam:

1.º) Cabe aos Espíritas do Brasil serem em prática a exposição contida no livro «Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho», de maneira a acelerar a marcha evolutiva do Espiritismo.—2.º) A F. E. B. criará um Conselho Federativo Nacional, permanente, com a finalidade de executar, desenvolver e ampliar os planos da sua atual Organização Federativa.—3.º) Cada Sociedade de âmbito estadual indicará um membro de sua diretoria para fazer parte desse Conselho.—4.º) Se isso não fôr possível, a Sociedade enviará ao presidente do Conselho uma lista tríplice de nomes, afim de que êste escolha um desses nomes para membro do Conselho.—5.º) O Conselho será presidido pelo presidente da Federação Espírita Brasileira, o qual nomeará três secretários, tirados do próprio Conselho, que o auxiliarão e substituirão em seus impedimentos.—6.º) Considerando que desde a sua fundação a F. E. B. se vem batendo pela autonomia do Distrito Federal, conforme se vê em seu órgão—«Reformador»—fica o Distrito Federal considerado como Estado, em igualdade de condições com os demais Estados do Território Nacional.—7.º) O presidente da Federação Espírita Brasileira nomeará uma comissão de três juristas e dois confrades de reconhecida idoneidade, para elaborar o Regulamento do Conselho Federativo Nacional e propor as modificações que se tornarem necessárias nos atuais Estatutos da Federação Espírita Brasileira.—8.º) No caso de haver mais uma sociedade de âmbito estadual em algum Estado, tudo se fará para que reunam em torno de uma terceira, cuja presidência será exercida em rodizio e automaticamente pelo presidente de cada uma delas, substituídos que serão, anualmente, no dia 1.º de Janeiro de cada ano.—9.º) Anualmente, em sua primeira reunião do mês de Agosto o Conselho organizará o seu orçamento, o qual, uma vez aprovado pela Diretoria da F. E. B., será entregue ao tesoureiro dessa.—10.º) Cabe à Federação Espírita Brasileira entrar com cinquenta por cento do que fôr determinado para o referido orçamento, devendo os restantes cinquenta por cento ser distribuídos em cotas iguais entre todas as Sociedades pertencentes ao Conselho.—11.º) Na escrita da F. E. B. o seu tesoureiro deverá criar um

título no qual lançará todo o movimento de valores, inclusive de donativos que forem feitos com a finalidade de facilitar os trabalhos do Conselho, quantias essas que, de forma alguma, poderão ser aplicadas senão por deliberação do dito Conselho.—12.º) As Sociedades componentes do Conselho Federativo Nacional são completamente independentes. A ação do Conselho só se verificará aliás, fraternalmente, no caso de alguma Sociedade passar a adotar programa que colida com a doutrina exposta nas obras: «O Livro dos Espíritos» e «O Livro dos Médiuns», e isso por ser êle, o Conselho, o orientador do Espiritismo no Brasil.—13.º) Deverá ser organizado um quadro de pregadores espíritas, composto de sócios das Sociedades adesas, os quais, dentro de suas possibilidades, serão escalados para visitar as Associações que ao Conselho dirijam convites para festividades de caracter puramente Espírita.—14.º) Se possível, será criado, também, um grupo de pregadores experimentados e cultos, com a difícil missão de levar a palavra do Evangelho aos grupos que, ainda mal orientados, ofereçam campo à sementeira cristã.—15.º) Nenhum membro do Conselho poderá dar publicidade a trabalho seu, individual, subscrevendo-o como membro do Conselho Federativo Nacional, salvo se o trabalho fôr antecipadamente lido e aprovado pelo Conselho.—16.º) Os membros do Conselho são considerados como exercendo cargo de confiança das Sociedades que os indicarem.—17.º) Sempre que possível, o Conselho designará um dos seus membros para assistir aos trabalhos doutrinários realizados pelas Sociedades.—18.º) Se alguma colidência encontrar, pedirá êle se convoque a diretoria da Sociedade e, então, confidencialmente, exporá o que deverá ser modificado, de acôrdo com o plano geral estudado pelo Conselho. E nada mais havendo, eu, Oswaldo Mello, servindo de secretário, a escrevi e datilografei, assinando-a juntamente com os componentes da reunião, que decorreu sob a mais viva emoção dos circunstantes. E, para constar, fiz esta, que subscrevo, aos cinco dias do mês e ano referidos. a) Oswaldo Mello, secretário, Antonio Wantuil de Freitas, presidente da Federação Espírita Brasileira; Arthur Lins de Vasconcellos Lopes, por si e pelo Sr. Aurino Barbosa Souto, presidente da Liga Espírita do Brasil; Francisco Spineli, pela Comissão

Executiva do Congresso Brasileiro de Unificação Espírita e pela Federação Espírita do Rio Grande do Sul: Roberto Pedro Michelena, Felisberto do Amaral Peixoto, Marcirio Cardoso de Oliveira, Jardelino Ramos, Oswaldo Mello, pela Federação Espírita Catarinense; João Ghignone, presidente e Francisco Raitani, membro do Conselho da Federação Espírita do Paraná; Pedro Camargo — Vinicius e Carlos Jordão da Silva, pela União Social Espírita de S. Paulo (USE); Bady Elias Curi, pela União Espírita Mineira; Noraldino de Mello Castro, presidente do Conselho Deliberativo da União Espírita Mineira.

Em tempo: Depois de assinado o presente documento, o presidente Wantuil de Freitas, após manifestar o seu regozijo pelo histórico acontecimento, com palavras cheias de fé e de esperança nos destinos gloriosos do Brasil Espírita, convidou o confrade Pedro Camargo — Vinicius a proferir a prece final, de encerramento dos trabalhos, o que foi feito, fervorosamente, em súplica ardente aos Espíritos Superiores, aos quais rogou assistência e iluminação para o desenvolvimento rápido dos nossos trabalhos, na sementeira do bem e do amor, em torno do Mestre e Senhor. Eu, Oswaldo Mello, subcrevo e assino, como testemunho da verdade. Oswaldo Mello.

NOTA CONFORTADORA:

Após a prece final proferida pelo confrade Vinicius e quando todos ainda se encontravam em concentração, manifestou-se, psicofônicamente, o saudoso presidente da F. E. B. Guillon Ribeiro, cujas palavras de aprovação, de fé e de grande amor foram recebidas como um prêmio de Mais Alto por intermédio daquele companheiro que tão abnegadamente serviu e serve à Causa do Espiritismo cristão.

Estamos ainda informados de que em sua reunião, realizada alguns minutos após o encerramento dos trabalhos acima referidos, o «Grupo Ismael», célula mãe da F. E. B., recebeu duas belíssimas comunicações: uma no início, psicográfica, do Espírito de Bittencourt Sampaio e outra, final, psicofônica do Espírito de Ismael.

Secção Espírita

O «Diário de S. Paulo» vem publicando regularmente, sob a competente direção e redação do «Irmão Saulo», uma secção espírita, que está despertando grande interesse não só nos meios espíritas, como também nos meios profanos. O «Irmão Saulo», ao mesmo tempo que publica e comenta os factos mais importantes relacionados com a imortalidade da alma, préga o Evangelho à luz do Espiritismo e aborda todos os assuntos que dizem respeito à Doutrina.

Correspondência da Capital Federal

Congresso Espírita Pan-Americano

O 2º Congresso Espírita Pan-Americano, realizado nesta Capital, de 3 a 12 do corrente, foi, ao que parece, coroado de pleno êxito.

A instalação do importante certame, realizada no Teatro João Caetano, foi uma verdadeira apoteóse. Com o teatro superlotado, a sessão se prolongou até meia noite, numa atmosfera de verdadeiro entusiasmo.

Apuramos que, no curso dos trabalhos, em torno de uma tese relativa ao aspecto religioso do Espiritismo, apresentada pelo confrade João Bezerra de Vasconcellos, da representação de Pernambuco, houve acalorada discussão. O dr. Miguel Santesteban, da «Confederação Nacional Espiritista» de Cuba, contrário a tése religiosa foi a causa da divergência, dando motivo a retirada da referida tése da discussão plenária.

No dia 12, no Campo do Botafogo, na cerimônia do encerramento do Congresso, não obstante o mau tempo, isto é, a ameaça de chuva, repetiu-se a apoteóse do Teatro João Caetano, pois, enfrentando o incomodo das arquibancadas de um campo de futebol, alí compareceu ainda grande número de espíritas.

Apesar da exclusão da tése religiosa do plenário do Congresso, o «Jornal Espírita» que se publica nesta Capital sob a direção de Abstal Loureiro, noticiando o grande acontecimento, assim intitulou o seu substancioso comentário: EPOPÉIA DE FRATERNIDADE RELIGIOSA.

«Umbanda em Julgamento»

Das oficinas da Gráfica Mundo Espírita, acaba de sair, em bem feita edição, o esperado livro de Alfredo d'Alcantara — «Umbanda em Julgamento». Trata-se de trabalho profundamente meditado quanto as suas conclusões, pois, o seu autor que é velho praticante espírita e profundo conhecedor do mediunismo umbandista, prestará, com a publicação dêsse admirável livro, um grande serviço à causa espírita no Brasil. «Umbanda em Julgamento» é o livro do momento.

Homenagem a Allan Kardec

A Federação Espírita Brasileira, pelo seu órgão o «Reformador», dêste mês, presta significativa homenagem ao codificador do Espiritismo. Dedicando uma edição especial à grata efemérides, transcreve de edições anteriores vários artigos relativos ao Mestre, firmados pelos principais vultos do Espiritismo no Brasil desde o número de Março de 1883, de Mathilde Elias da Silva, do grupo de fundadores da Federação.

Rio, Outubro de 1949.

Do Correspondente.

Lei N. 91 de 28 de Agosto de 1935

Determina regras pelas quais são as sociedades declaradas de utilidade pública.

O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil: Faço saber que o Poder Legislativo decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Artigo 1.º — As sociedades civis, as associações e as fundações constituídas no país com o fim exclusivo de servir desinteressadamente à coletividade podem ser declaradas de utilidade pública, provados os seguintes requisitos:

a) que adquiriram personalidade jurídica.

b) que estão em efetivo funcionamento e servem desinteressadamente à coletividade.

c) que os cargos de sua diretoria não são remunerados.

Artigo 2.º — A declaração de utilidade pública será feita em decreto do Poder Executivo, mediante requerimento processado no Ministério da Justiça e Negócios Interiores ou, em casos excepcionais, ex-offício.

Parágrafo único — O nome e característicos da sociedade, associação ou fundação declarada de utilidade pública serão inscritos em livro especial, a êsse fim destinado.

Artigo 3.º — Nenhum favor do Estado decorrerá do título de utilidade pública, salvo a garantia do uso exclusivo, pela sociedade, associação ou fundação de emblemas, flâmulas, bandeiras ou distintivos próprios, devidamente registrados no Ministério da Justiça e Negócios Interiores, relação circunstanciada dos serviços que houverem prestado à coletividade.

Parágrafo único — Será cassada a declaração de utilidade pública, no caso de infração dêste dispositivo, ou se, por qualquer motivo, a declaração exigida não fôr apresentada em três anos consecutivos.

Artigo 5.º — Será também cassada a declaração de utilidade pública, mediante representação documentada do Órgão do Ministério Público, ou de qualquer interessado, da sede da sociedade, associação ou fundação, sempre que provar que ela deixou de preencher quaisquer requisitos do artigo 1.º.

Revista Espírita

A Edipo — Edições Populares — Limitada, da Capital, acaba de lançar a lume o 1.º fascículo da «Revista Espírita», órgão de difusão e estudo da Doutrina Espírita, fundado por Allan Kardec.

O objetivo da Edipo — Edições Populares — Limitada é proporcionar aos espíritas a oportunidade de obterem as coleções completas da «Revista Espírita» desde o seu primeiro número e, para tornar mais fácil a sua aquisição, resolveu lançar fascículos mensais.

As assinaturas compreendem 12 fascículos por ano, que constituem um volume de 360 páginas aproximadamente. No fim de cada ano o último fascículo conterà um índice do volume.

O tamanho do fascículo é igual ao original, impresso em ótimo papel.

Os preços são os seguintes: para o Brasil e Portugal Cr. \$ 50,00; para a América Latina, Cr. \$ 60,00. Número avulso, Cr. \$ 5,00. A revista é expedida individualmente em envelopes de papel manilha, de modo a protegê-la contra as avárias. As assinaturas registradas pagam mais dez (10 %) por cento. Pedidos a Edipo — Edições Populares — Limitada, Rua Ezequiel Freire, 74, Caixa Postal, 5.138, São Paulo, Brasil.

Confederação Espírita Pan-Americana

Terminado o 2.º Congresso Espírita Pan-Americano, ficou no Brasil, onde funcionará por três anos, com sede no Rio de Janeiro, a Confederação Espírita Pan-Americana (CEPA), cuja sede inicial foi a Argentina.

Ficou assim constituída a diretoria da CEPA no Brasil:

Presidente, tenente-coronel Delfino Ferreira; 1.º Vice-Presidente, Dr. José Miranda Ludolff; 2.º Vice-Presidente, prof. Leopoldo Machado; Secretário de Finanças, Nelson Batista de Azevedo; Secretário Administrativo, Deolindo Amorim; 1.º Secretário, Dr. Francisco Klörs Werneck; Secretário para Assuntos Legais, Dr. Lauro Sales; Sub-Secretário de Finanças, Geraldo de Aquino.

Projeto de Lei n. 689, de 1949

Considerando que o Centro Espírita «Amor e Caridade», de Birigui, mantém um Asilo da Velhice e dos Desamparados;

Considerando que mantém o Orfanato «José Maria Lisboa» com capacidade para 200 crianças;

Considerando que mantém o Sanatório «Felício Lucchini» para psicopatas, devidamente registrado no Serviço de Medicina Social do Estado de São Paulo;

Considerando que através dessas Instituições de caridade vem prestando

eficiente assistência a grande número de pessoas reconhecidamente pobres da cidade de Birigui, e cidades circunvizinhas;

Considerando que o Centro Espírita «Amor e Caridade» acha-se devidamente registrado no Certório do Registro Geral de Birigui e com seus Estatutos enquadrados dentro da lei.

Apresentamos o seguinte

PROJETO DE LEI.

Artigo 1.º — Fica declarado de «Utilidade Pública» o Centro Espírita «Amor e Caridade», nos termos de seus estatutos, com sede na cidade de Birigui.

Artigo 2.º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário,

Sala das Sessões, de Julho de 1949.

aa) *Castro Carvalho, Conceição Santamaria, Cunha Bueno, Joviano Alvim, Oswaldo de Sousa Martins.*

O Dia 18 de Abril na América

Em consequência de uma indicação da Liga Espírita do Brasil, aprovada por unanimidade, foi incluído na reforma do estatuto da Confederação Espírita Pan-Americana, votada pelo 2.º CEPA, um dispositivo que torna efetiva, em toda a América, a comemoração anual do dia 18 de Abril, aniversário da publicação do «Livro dos Espíritos», 1.º livro básico da codificação de Allan Kardec.

Aos nossos Assinantes na Capital

Em virtude do nosso representante na Capital, sr. Vicente S. Neto, ter que se mudar de casa a qualquer momento, pedimos aos nossos prezados assinantes procurarem êste nosso ativo representante na Livraria Allan Kardec, à Rua Riachuelo n.º 108, sobr., sempre que necessitarem tratar de assuntos relacionados com esta Revista.

Com os bens materiais conquistareis os bens espirituais, que são eternos. — L. B.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
O Espírito do Cristianismo
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Na Escola do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
O Principiante Espírita

Romances :

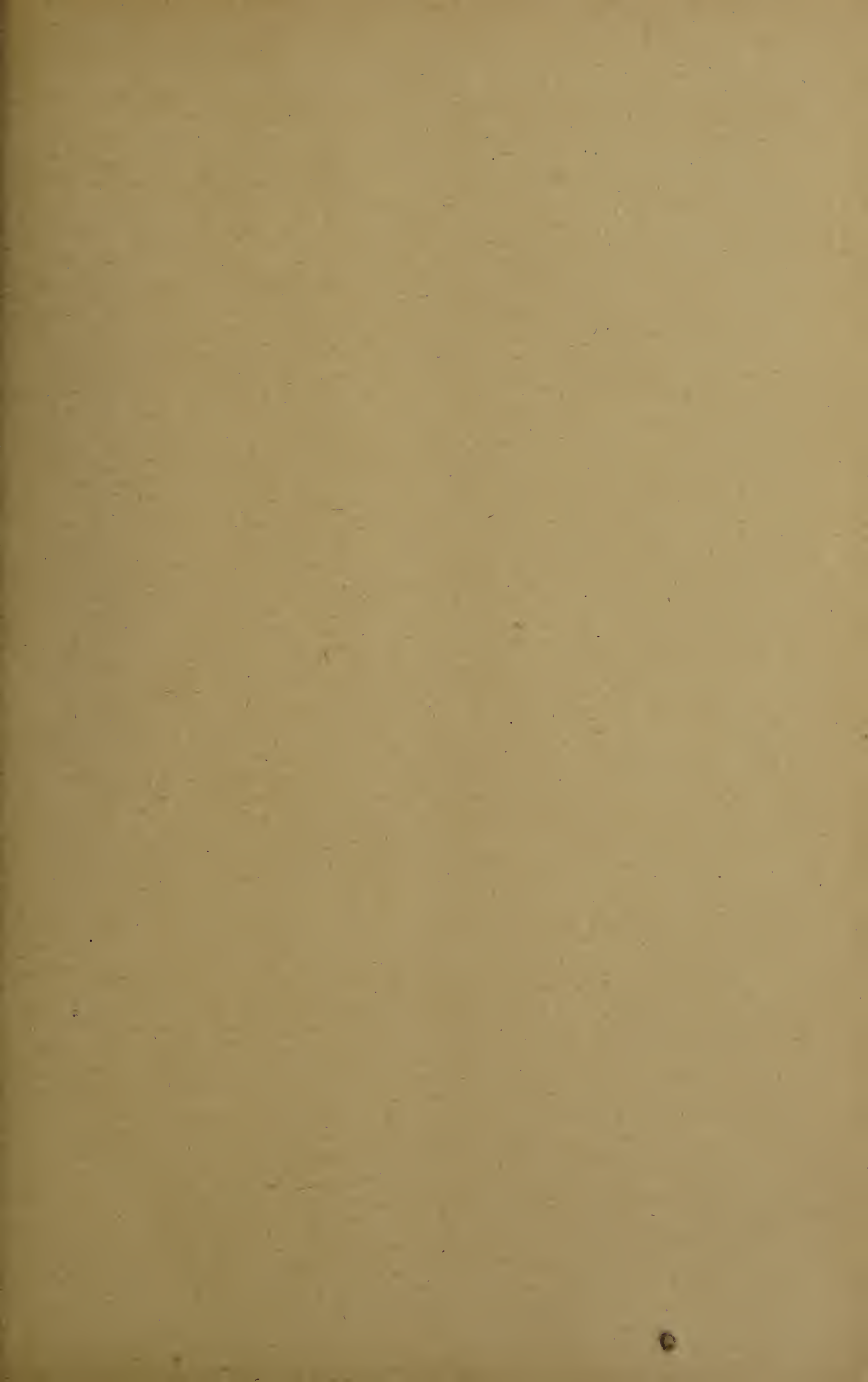
Almas Crucificadas
Beijo da Morta (O)
Casa Assombrada (A)
Cinquenta Anos Depois
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
...E as Vozes Falaram...
Granja do Silêncio (A)
Há Dois Mil Anos
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Renúncia
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)

Infantis :

Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto

Vários assuntos .

Antigo Egito (O)
Bôa-Nova
Brasil, Coração do Mundo
Consolador (O)
Emmanuel
Espírito Consolador (O)
Factos Espíritas
Grandes e Pequenos Problemas
Irmãos de Jesus
Introdução da Doutrina Espírita
Jesus, nem Deus nem Homem
Lázaro Redivivo
Livro de Tobias (O)
Luz Acima
Martírio dos Suicidas
Mensageiros (Os)
Missionários da Luz
No Mundo Maior
Nosso Lar
Novas Mensagens
Região em Letígio
Reportagens de Além-Túmulo
Sessões Práticas do Espiritismo
Síntese de O Novo Testamento
Trabalho dos Mortos (O)
Uma Nova Ciência
Volta Bocage...
Vidas Sucessivas (As)



Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Director: José da Costa Filho

Redator: A Watson Campêlo

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.\$ 35,00
	Semestre	— " "	20,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	40,00
	Semestre	— " "	23,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. \$ 3,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente
A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

